

Crise na segurança causa intranquilidade

Brasília — Uma briga interna entre diretores, ex-diretores e grupos inimigos dentro da própria segurança vem sendo apontada como a origem da intranquilidade que se apoderou do Senado, desde 26 de maio, quando cinco telefonemas, alguns deles passados de ramais, anunciaram a explosão de uma falsa bomba no plenário da Casa.

Formada de 224 homens recrutados, na maioria, entre motoristas, contínuos e porteiros, que percebem atualmente salários de até Cr\$ 220 mil, a segurança está sendo poupada de uma desmoralização que não interessa ao Senado, segundo a opinião do supervisor das sindicâncias que apuram os fatos, Senador Jutahy Magalhães.

RECRUTAMENTO

A segurança do Senado tem 138 inspetores e 90 agentes. Segundo o Senador Dirceu Cardoso, "tem mais cacique do que índio". O restante do quadro é preenchido por assistentes e técnicos legislativos, que pleitearam a função para ter direito a quase Cr\$ 3 mil por sessão realizada. Os salários, no fim do mês, variam entre Cr\$ 150 mil e Cr\$ 220 mil, quase igual ao de um Senador, como foi o caso do Sr Dirceu Cardoso que recebeu, no último mês, Cr\$ 240 mil.

Cinquenta motoristas apresentaram requerimentos ao 4º secretário da Mesa, Senador Jutahy Magalhães, pedindo transferência para o quadro de segurança. O Senador disse que indeferiu, inclusive porque iniciou um processo seletivo dos guardas de segurança para tornar o setor mais especializado. Essa notícia agradou ao Senador Evandro Carreira (PMDB-AM) que não se conforma porque um ex-contínuo lotado no seu gabinete, no ano passado, é hoje inspetor de segurança.

O Senador Dirceu Cardoso tem guardados alguns documentos informativos feitos por inspetores e agentes de segurança, em que o próprio nome do parlamentar, no cabeçalho da peça, é escrito erradamente: "Diceu", sem o erre. Outros erros como "revulver", etc. O Senador Evandro Carreira jurou que há verdadeiros analfabetos na segurança. O 1º-vice-presidente da Mesa Diretora, Senador Passos Porto, confirmou a existência de semi-analfabetos e a maioria foi colocada pelos próprios guardas. Ele mesmo não nega que tenha colocado, ultimamente, um seu candidato, mas disse "é um poeta".

O próprio responsável pelo setor, Senador Jutahy Magalhães, que está empenhado em melhorar a segurança, reconheceu a falta de qualificação para a função. Pior, segundo o 4º secretário da Mesa, é a distorção observada: os que não são segurança estão no setor e outros que o são, de fato, estão perdendo a sua inclusão no quadro, como ocorre ultimamente com 10 guardas que são vistos rondando em pontos estratégicos da Casa.

Outro problema é o grande número de velhos cansados, sem condições físicas para o serviço. Todos eles estão-se submetendo, agora, a exames médicos para a seleção que o Senado decidiu fazer depois das bombas e das ameaças aos senadores. O que guarda a residência do Senador Dirceu Cardoso, no Rio de Janeiro, gastou mais de Cr\$ 35 mil de telefone para informar ao Senador, em Brasília, que não viu nenhum terrorista. O ex-presidente do Senado, Sr Paulo Torres, é acusado de ter colocado a maior leva de guardas na segurança da Casa.

BRIGA INTERNA

Mas o grande problema da segurança, que preocupa inclusive o atual presidente do Senado, Sr Jarbas Passarinho, é a briga interna que se acentuou ultimamente. Começa pela administração do setor: o diretor dos Serviços Gerais, no qual se inclui a Segurança, Sr Moisés Júlio Pereira, é intrigado do supervisor Lourival Zaganel dos Santos, secretário de Serviços Especiais. Também é inimigo do segurança Francisco Pereira da Silva — o Índio — que já o ameaçou de morte, segundo denúncia que lhe foi feita, na época, pelo atual contínuo José Arcelino Ferreira de Almeida — o Neto — que foi sequestrado e surrado para calar sobre as "bombas" no Senado.

Há também uma forte divergência com o ex-diretor Antônio Ernesto Pincowsky, ho-

mem da confiança do ex-primeiro secretário Alexandre Costa, que dividiu a segurança, em sua administração, em dois grupos: a segurança I e a II. Com esse esquema foi possível contornar, na legislatura passada, sérios problemas mais ou menos parecidos com os que estão acontecendo ultimamente. Só que agora as ameaças são com bombas. Anteriormente, setores da segurança foram acusados de quebrar nove portas de vidro e arrancar os piquetes dos canteiros de obras para desmoralizar a administração. Desapareceram até seis máquinas de datilografia e mais uma série de irregularidades foi detectada. Uma segurança vigiava a outra e tudo foi solucionado, mas ficaram as fortes intrigas dos chefes.

Recentemente, o contínuo José Arcelino Ferreira de Almeida, amigo do ex-chefe da segurança Ernesto Pincowsky, procurou-o para dizer que fora insinuado, na Comissão de Sindicância, a acusá-lo como um dos responsáveis pelas ameaças de bombas que estão acontecendo no Senado, desde 26 de maio. O mesmo contínuo, agora principal peça das sindicâncias, se oferecera a Moisés Júlio Pereira, o outro diretor adversário de Pincowsky, para tomar-lhe as dores contra o segurança Índio, que estaria armado de pistola 45 para matar Moisés. Ele fora preferido por este para o cargo de chefe da segurança, ocupado atualmente pelo técnico legislativo (também conhecido como Pai-de-Santo do Vale do Amanhecer) Eurico Auler, que por sua vez desfruta de fortes inimizades dentro do setor que dirige.

Moisés Júlio Pereira se diz jornalista registrado e policial, no Rio de Janeiro, durante a guerra e é mantido no seu atual cargo desde a gestão do falecido Senador Petrólio Portella na presidência da Casa. Ele considera o contínuo Arcelino Ferreira "um louco". Este, porém, ao depor na comissão de sindicância, revelou que seria capaz de matar em defesa do atual diretor dos serviços gerais.

PUNIÇÕES INTERNAS

O Senador Jutahy Magalhães, segundo deixou transparecer, sabia de tudo ao assumir a 4ª secretaria. Lamenta que a burocracia excessiva prejudique, em parte, seus projetos de reformulação do setor de segurança. Não pretende estabelecer rigorosamente o concurso para o acesso à função, como já exige a Câmara, mas pretende assegurar um processo mais ou menos rigoroso de treinamento do pessoal existente e qualificação dos que se apresentarem para preenchimento do quadro.

Ele reconhece também a dificuldade do trabalho exercitado pela segurança numa casa política como é o Senado. Na Câmara, por exemplo, o Deputado Florim Coutinho (PJ) exigiu, certa vez, a punição de um segurança que o tratou mal pelo telefone. Os guardas são constantemente desrespeitados na sua autoridade por parlamentares que penetram com visitas no plenário da Câmara, em horários proibidos. Os guardas são proibidos de usar armas e não podem interferir nos incidentes entre parlamentares.

Por conhecer todos esses pormenores, a intenção do Senador Jutahy era de manter a sindicância em caráter sigiloso e, de acordo com os resultados, se houvessem culpados, aplicar as punições administrativas estabelecidas internamente. Com o ingresso do contínuo Arcelino de Almeida nas apurações, novos fatos surgiram, fazendo com que o Senado se visse obrigado a transferir o inquérito para a área da Polícia Federal. Arcelino, ex-cabo do Exército, se mostra seguro e pretende contar tudo à polícia, o que não fez na comissão de sindicância por entender que se tentava, ali, conduzir o seu próprio depoimento. O Senador Jutahy nega essa postura da comissão.

MUDAR TUDO

O Senador Evandro Carreira, em cujo gabinete já trabalhou o contínuo José Arcelino Ferreira de Almeida, considerou todos os fatos altamente graves, mas entende que só há uma solução: "Muda tudo". Ele se considera um revoltado com a situação do Senado, onde, segundo afirmou, dos 3 mil e 400 funcionários existentes, "mais da metade está à disposição dos Estados".